

Trabalho



Opinião > Miguel Torres Presidente da Força Sindical

Governo mantém os juros altos e sua postura conservadora

Ao decidir, na última quarta-feira, 21, manter a taxa básica de juros (Selic) nos insustentáveis 14,25% ao ano, o Copom (Comitê de Política Monetária) prestou um novo desserviço a nossa já combalida economia e aos anseios da classe trabalhadora e da sociedade brasileira.

Manter os juros nas alturas nestes tempos de crise é inviabilizar o desenvolvimento e o crescimento econômico do País. É engessar o setor produtivo, provocando uma queda vertiginosa da atividade econômica. É travar o mercado de trabalho decompondo a renda. É provocar o aumento do desemprego diminuindo a capa-

cidade de consumo das famílias. E, pelo andar da carruagem, caso as coisas sejam mantidas como estão, a tendência é piorar ainda mais.

Não, não somos pessimistas! Queremos que o Brasil retome o caminho do desenvolvimento e do crescimento econômico. Queremos mais investimentos na indústria nacional. Queremos melhorias na educação, na saúde e em infraestrutura.

Mas, para que isto possa acontecer, essa postura conservadora e obsoleta do governo precisa mudar radicalmente. E baixar a taxa de juros, conter o desemprego e a inflação já seria um bom início rumos às mudanças que almejamos.



EDIFÍCIOS E CONDOMÍNIOS

Trabalhadores decidirão próximos passos da Campanha



Foto: Arquivo Sindicatos

Metalúrgicos



Foto: SPáulo Segura

Miguel: "Temos de estar organizados, unidos, e não aceitar retrocessos"

Categoria intensifica mobilização em São Paulo

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e Mogi realizou ontem a quarta assembleia de mobilização da Campanha Salarial, na porta da Voith, no Jaraguá, com a presença de cerca de 2,5 mil trabalhadores de várias fábricas da região.

"Os grupos patronais ainda não fizeram nenhuma contraproposta salarial, mas estão atacando cláusulas sociais da nossa CCT", disse Miguel Torres, presidente do Sindicato, da Força Sindical e da CNTM (confederação da categoria), que comandou a assembleia.

Segundo Miguel, "os patrões querem tirar a garantia de emprego para os acidentados no trabalho e portadores de doenças profissionais, além de reduzir o percentual da hora extra. Por isto, temos de estar organizados e unidos, exigir medidas de proteção à indústria e ao emprego e não aceitar retrocessos".

Diante das dificuldades, o Sindicato está convocando, para o próximo dia 28, às 18 horas, uma assembleia geral para avaliar as possíveis contrapropostas e decidir nossos próximos passos. "Se formos à greve, vamos decidir se vai ser por grupo patronal, por empresa ou região", afirmou.

A diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Edifícios e Condomínios de São Paulo (Sindifícios) decidirá, até a segunda-feira, dia 26, os próximos passos para a mobilização da Campanha Salarial 2015, informa Paulo Ferrari, presidente da entidade e também da Federação da categoria no Estado de São Paulo.

Com data-base em 1º de outubro, os trabalhadores do setor reivindicam 15% de reajuste salarial e enfrentam forte resistência dos patronos. Ontem, dia 22, o sindicato patronal não compareceu à mesa redonda marcada pela Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE) em São Paulo. A superintendente do órgão, Vilma Dias Bernardes Gil, sugeriu a realização da mesa redonda na próxima

semana.

Os trabalhadores estão ansiosos pelo desfecho da negociação. "Os telefones não param de tocar com os trabalhadores buscando informações, e, na tarde do dia 21, o auditório do Sindifícios ficou pequeno para reunir os integrantes da categoria que participaram de assembleia da Campanha Salarial. A saída foi realizar a assembleia no calçadão da rua Sete de Abril, com mais de mil trabalhadores presentes.

No dia 15, os trabalhadores rejeitaram a contraproposta patronal de reajuste de 8,75%. Os trabalhadores em edifícios e condomínios de São Paulo reivindicam reajuste salarial de 15% para salários, pisos

Ferrari: "Mais de mil trabalhadores em edifícios e condomínios participaram da assembleia da Campanha Salarial na rua Sete de Abril"

e cesta básica, convênio médico custeado pelo empregador e a formação de uma comissão mista para debater as cláusulas econômicas duas vezes ao ano", declara Paulo Ferrari.

Atualmente, a categoria possui 250 mil trabalhadores na Capital, que engloba zeladores, porteiros, vigias, faxineiros, ascensoristas ou cabineiros, garagistas, folgistas e outros que atuam em condomínios.

PLANO DE SAÚDE



Foto: Arquivo Aeroviários

Mandu: "A saúde dos trabalhadores deveria ser tratada como prioridade pela TAM"

Aeroviários protestam em frente à TAM

Os aeroviários de São Paulo realizarão uma manifestação hoje, às 11h30, na portaria da TAM, em protesto contra o alto reajuste na mensalidade do plano de saúde. "Uma família com quatro pessoas pagava R\$ 200 por mês, e agora terá de desembolsar R\$ 500 mais 30% do valor da consulta ou exame", declara Reginaldo Alves de Sou-

za, Mandu, presidente do Sindicato dos Aeroviários do Estado e da Federação da categoria.

"Queremos uma alternativa. A saúde dos trabalhadores e de seus dependentes deveria ser prioridade da TAM, que se diz atenta às necessidades de seu capital humano. Na prática isto não tem acontecido", afirma Mandu.



NA LUTA PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES

fsindical.org.br

imprensa@fsindical.org.br

twitter.com/centralsindical

facebook.com/CentralSindical

flickr.com/photos/forca_sindical

youtube.com/user/centralsindical

SINDICALIZE-SE



PARTICIPE DO SEU SINDICATO!